

**RANULPHO J. DE SOUZA SOBRINHO (\*)**

**AGRICULTURA NA ILHA DE SANTA  
CATARINA NO BRASIL COLÔNIA**

(\*) da Universidade Federal de Santa Catarina

## HISTÓRICO

Por sua situação geográfica privilegiada, e também pela segurança que suas baías ofereciam, foi a Ilha de Santa Catarina muito procurada por corsários e navegantes que aqui se reabasteciam de água, víveres, lenha e madeira para reparo de suas embarcações.

Logo após o descobrimento do Brasil, a costa catarinense começou a ser visitada por navegantes e piratas, principalmente espanhóis.

“A Ilha de Santa Catarina, não só foi o ponto de escala obrigatório para aguada e abastecimento dos barcos que iam ou vinham do Rio da Prata mas uma base naval que os espanhóis desejavam para si, além de fazer na citada Ilha, como consequência de suas cogitações, campo de cultivo a fim de fornecer víveres à area do estuário do Prata”. (1)

“La isla de Santa Catharina es muy alta y abrigada y el puerto muy alto y se puede fortificar con facilidad y cierra la salida y entrada por ser angosta” e ser uma terra “muy abundante de comidas y de gran recreacion y fertilidade” e que “poblando-se um pueblo en el puerto de Santa Catharina se puede levar a la costa de la mas grande suma de ganados”.

Assim se expressava em carta de 12 de Maio de 1609, Hermandarias de Saavedra ao monarca Espanhol. (Taunay — Santa Catarina nos Anos Primevos).

Segundo Lucas Boiteux, o descobrimento da costa catarinense se deve ao Cosmógrafo Américo Vespucci, que por aqui andou em junho de 1502. Essa expedição composta de 3 naus era comandada por André Gonçalves. (2)

---

(1) — Laytano pag. 13

(2) — Boiteux — Pequena História Catarinense — pag. 17

Em 1514, Don Nuno Manuel e Cristóvão de Haro, componentes de expedição comercial portuguesa, em viagem ao Uruguai, estiveram na Ilha, dando-lhe então o nome de "Ilha dos Patos". (3)

Descoberto o Brasil, e sendo, como vimos anteriormente, a Ilha de Santa Catarina o último porto franco no Sul, desperta para a Espanha o interesse e a cobiça pelas plagas Meridionais.

Sigilosamente é organizada na Espanha uma expedição destinada a se apossar das terras sulinas, e também, procurar uma passagem pelo sul, para o Pacífico.

Integram a expedição, 3 naus sob o comando de Juan Dias de Solis, saindo do porto de Lep a 8 de Outubro de 1515, rumo ao Sul.

Chegados à Ilha de Santa Catarina ancoram numa baía, a que denominaram de "Los Perdidos" (Baía Norte) possivelmente por aqui haverem encontrado alguns tripulantes extraviados ou desertores. Solis, parte para o Prata e lá ao fazer reconhecimento, é trucidado juntamente com outros tripulantes. (4)

### **Náufragos**

Os remanescentes da expedição Solis, retornam, e um Galeão ao adentrar a Barra Sul da nossa Ilha, naufraga.

Dos quinze tripulantes onze se salvaram e permaneceram na Ilha então chamada de MEYEMBIPE. (5)

Meyembipe para Lucas Boiteux, significa "coisa erguida ao correr da água", por estar situada paralela à costa.

Yjuriremirim é outra denominação dada à Ilha pelos tupis-guaranis que viviam na faixa do continente, e que significava Boca pequena d'água, em alusão ao estreito, hoje ligado ao continente pela Ponte Hercílio Luz. (6)

### **Desertores**

Em fins de abril de 1526, chega a Ilha, o Galeão "São Gabriel", comandado por D. Rodrigo de Acuña, da expedição es-

(3) — Cabral — História de S.C. — pag. 20

(4) — Boiteux — Pequena História Catarinense — pag. 34

(5) — L. Boiteux — Pequena História Catarinense — pag. 36

(6) — Fontes — A Irmandade do Senhor dos Passos — pag. 10

panhola de Jofre Garcia de Loayza, que se destinava às Molucas.

Dezessete homens da tripulação desertam, permanecendo na Ilha. (7)

Diogo Valdez, navegador espanhol, esteve na Ilha em 1580 e muitos de seus homens preferiram aqui permanecer. (8)

**DESTERRADOS** — Em 1572, Juan Ortiz de Zarate é nomeado Adelantado do Rio da Prata. Acossado por temporais, 2 das naus da expedição arribam a Ilha de Santa Catarina, ficando o terceiro barco em São Vicente.

Durante seis meses ficou Zarate na Ilha, (Cabral diz que foram três os meses de sua estada na Ilha, Hist. Cat. 27), ao partir, Zarate abandona vários enfermos, mulheres e crianças, além daqueles que por maus-tratos já tinham desertado. (9)

### **NOVOS DESERTORES**

Em 1737 uma nau espanhola arribam a Canasvieiras, devido a maus-tratos uma parte da tripulação deserta, seguindo em escaleres para terra. Tentando desembarcar na Figueira (situada na parte sul da cidade), são de início obstados pelos moradores dirigidos por João de Távora. Após entendimentos consentem os ilhéus no desembarque, ficando os desertores aqui como colonos. (10)

### **O NOME SANTA CATARINA**

A 3 de abril de 1526, Sebastian Caboto parte de Sanlucar de Barrameda comandando uma esquadra de 3 naus, organizada pela Espanha e destinada às Molucas.

A 28 de outubro do mesmo ano ao entrar na Barra do Sul, sua nau capitania a SANTA MARIA DE LA CONCEPCION, naufraga. (11)

---

(7) — L. Boiteux — Pequena História Catarinense — pag. 37

(8) — Paulo J. Brito — pag. 14

(9) — L. Boiteux — Pequena História Catarinense — pag. 51

(10) — Taunay — S.C. Colonial

(11) — El Veneziano Caboto — pag. 148

O nome de Santa Catarina, à Ilha, deve-se a Caboto, que também o deu a sua galeota, o 1º barco entre nós construído. Esta denominação é encontrada pela primeira em um mapa de Caboto.

Depois de uma permanência de quadro meses, Caboto parte para o Sul a 15 de fevereiro de 1527.

### **A ILHA COMO FONTE DE ABASTECIMENTO**

Bastante desenvolvida devia ser a agricultura na Ilha no início da época colonial, pois a história registra que no ano de 1535, faltando víveres em Buenos Aires, fundada por D. Pedro de Mendoza, este, manda seu sobrinho Gonçalo de Mendoza, buscá-lo na Ilha de Santa Catarina, e como sempre aqui se abastecem com abundância. (12)

No ano de 1796 houve escassez de gêneros alimentícios na Ilha, não obstante o Vice-Rei fez carregar duas embarcações para atender o mercado do Rio de Janeiro. Somente em uma das embarcações foram carregadas 4.000 alqueires de víveres. (13)

Já em 1554, os carijós, indígenas que habitavam a Ilha, mantinham comércio com os moradores do Pôrto de Santos, trocando com eles o algodão e redes, por ferramentas, facas e anzóis. (14)

Carlos V, da Espanha, tentando ainda se apossar de nossas terras, firma a 22 de julho de 1547, contrato com Juan de Sanabria, nomeando-o governador do Paraguai, com a finalidade de conquistar e colonizar o Rio da Prata e também de povoar o São Francisco em Santa Catarina. (15)

Falecendo Juan de Sanabria, seu filho Diego o substituiu, despachando 2 navios sob o comando de Juan de Salazar y Spinosa. Um terceiro barco junta-se aos primeiros. No dia 25 de novembro de 1549, dois barcos fundearam na barra do sul, havendo o terceiro se perdido em viagem.

Posteriormente as embarcações adentraram a baía, ancorando próximo a uma vila do continente, chamada ACUTIA, que se localizava entre o atual Estreito e o bairro de Barreiros.

---

(12) — Boiteux

(13) — Laytano — 99

(14) — Almeida Coelho — Memória Histórica — pag. 3

(15) — Boiteux — Pequena História Catarinense pag. 45

Foram embarcados víveres para seis meses, por aí se verifica, como era fértil e pródiga a nossa Ilha. Juan Fernandes (de Sanabria?) incentiva o cultivo da mandioca (**Mandioca esculenta** — Crantz), a fim de alimentar seus homens.

Durante dois anos permaneceram os espanhóis entre nós. Em 1553, separaram-se em dois grupos a exemplo de Cabeza de Vaca, um grupo era comandado pelo piloto mor HERNANDO TREJO, que chega a São Francisco. Para o sul velejaram os componentes do segundo grupo, que por ventos contrários foram obrigados a voltar, naufragando à altura de Itanhaem. Dos sobreviventes destaca-se o artilheiro alemão Hans Stadem. (16)

De Hans Stadem ficou-nos um mapa bastante primitivo da nossa Ilha. Em 1556 publicou na Alemanha um livro onde conta suas aventuras como prisioneiro dos indígenas brasileiros, fazendo ainda excelentes descrições da mandioca, do milho, do algodão, do fumo, e também do modo como os mesmos o cultivavam. Descreve ainda o modo de fazerem a farinha de mandioca e o cauim. Diz também que os indígenas cultivavam várias espécies de pimenta do gênero — **Capsicum**. (17)

Todas as relações de plantas citadas no presente trabalho, constam, nos originais consultados, somente com sua denominação popular, pois não eram estritamente contribuições botânicas; Coube a nós a sua identificação, complementando com o seu nome científico.

### AGRICULTURA PRIMITIVA (dos indígenas)

É certo que quando aqui aportaram os primeiros viajantes, já encontraram as primitivas culturas dos nossos selvícolas. Segundo tudo indica eram elas: mandioca (*Manihot esculenta*-Crantz), milho. (*Zea May L.*), algodão (*Gossipium barbadense*).

Assim já em 1526, Caboto permaneceu na Ilha durante quatro meses, sendo-lhe fornecido em abundância além de carnes, ostras e peixes, farinha de mandioca, milho, inhame — **Calocasia antiquorum** Schott, uma Araceae, mel, palmitos — **Euterpe edulis** — Mart., etc. (18)

(16) — Cabral — H. Cat. pag. 26

(17) — Hoehne F.C. — Bot. e agric. no Brasil no Século XVI — pag. 76-77-78-80

(18) — Cabral — H. Cat. pag. 22

## AGRICULTURA

Como é natural, a agricultura praticada na Ilha no Período Colonial era bastante rudimentar, pois os que trabalhavam as terras, o faziam sem maiores conhecimentos.

Primeiramente os nativos, "quanto aos primitivos habitantes da Ilha de Santa Catarina e da região adjacente se sabe que eram carijós, indígenas que não praticavam a antropofagia, de caráter bondoso e que conheciam a agricultura." (19), seguidos de náufragos, degredados e desertores que aqui ficavam, e posteriormente os açorianos, esses mais afeitos às lides do mar do que ao amanho das terras.

## COLONIZAÇÃO AÇORIANA

Consta que em 1692, vieram com João Felix Antunes, 260 açorianos, e que posteriormente em 1723 outros também teriam, vindo, porém não há nada que comprove tal fato. (20)

Somente em 1748 chegava o primeiro comboio, em 1749, 1750, 1751 e 1753, novos colonos chegaram, num total de 5.213, de Portugal, começando-se assim uma nova fase agrícola na Ilha. (21).

Os colonos portugueses foram distribuídos primeiramente em torno da Vila de Nossa Senhora do Desterro, e em torno do caminho que fazia a volta ao morro do Antão (hoje Morro da Cruz), aí morava Antão Lourenço Rebolo, natural da Ilha Terceira. Formou-se aí uma freguesia "**Santíssima Trindade de Tras do Morro**" onde hoje se localiza o Campus da U.F.S.C.. No Norte da Ilha em Santo Antônio (Na Sra. das Necessidades) e Canasvieiras. No Leste Lagoa (Na. Sra. da Conceição) e Rio Tavares, e no Sul, Ribeirão (Na. Sra. da Lapa) (22).

Ao se instalarem, cada casal receberia 1/4 de legua quadrada, onde iniciariam a cultura e mais, uma égua e 2 vacas. Cada povoação em comum recebia 4 touros.

(19) — Outes, Felix F. — El Puerto de Los patos, pag. 17

(20) — Cabral, O.R. — Os Açorianos, pag. 9

(21) — Piazza, Walter F. — São Miguel e o seu Patrimônio Histórico — pag. 10 e 11

(22) — Cabral. O.R. — Os Açorianos, pag. 22

Sessenta casais eram fixados em cada povoação e no tempo oportuno teriam direito a 2 alqueires de sementes, 1 espingarda, 1 foice, etc. (23)

O Governador Manoel Escudeiro em abril de 1752, informava ao Rei, "não ter vindo das ilhas até agora transporte de gente tão miserável, entre a qual mandaram um grande número de velhas, velhos, decrépitos e aleijados que de nenhum préstimo são mais que fazer intermináveis gastos à Fazenda Real com entrevados enquanto viverem". (24). Por sua vez os fidalgos vindos da Metrópole nada queriam com o trato da terra.

Mas apesar dos métodos primitivos usados, a agricultura ilha, desenvolveu-se bastante, graças à terra fértil e à bondade do clima. Sua produção era tal que até se atendia aos reclamos de outras plagas, além de abastecer os barcos que aqui com muita freqüência aportavam. Causas várias contribuíram para o seu declínio: recrutamento de homens para o serviço militar, requisições da Fazenda Real, que cotava baixos os preços e melhor ainda, não as pagava.

"Foi a Cidade do Desterro o lugar talvez mais abundante do Brasil e onde com menos meios se passava com comodidade." (25)

## FRANCESES FAZEM HORTA

Não foram somente os degredados, naufragos e desertores que cultivaram as terras da Ilha, os franceses também o fizeram.

No dia 25 de julho de 1719, aqui aportou o navio francês SALOMOM LE SAGE armado com 40 peças e tripulação de 170 homens, sob o comando de Dumaine Girard. Pretendendo demorar-se de dois a três meses, à espera de tempo favorável para a passagem do Cabo Horn. Girard manda seus homens fazerem uma horta, frente ao ancoradouro. Por essa época andavam pelo Pacífico cerca de 12 a 13 barcos franceses, que é de se supor por aqui também fizessem lenha, aguada e provisões de alimentos. (26)

---

(23) — Almeida Coelho — Memória Histórica de S.C. — pag. 17

(24) — Borges Fortes — Casaes, pag. 61 e 62

(25) — Almeida Coelho, pag. 100

(26) — Taunay — Santa Catarina Anos Primevos — pag. 27

Outras causas ainda fizeram com que os agricultores abandonassem certas culturas a fim de atenderem as imposições que lhes vinham do Vice-Rei; como a obrigatoriedade do plantio de cânhamo e do algodão. Essa última sujeitava os pobres lavradores a pesadas penalidades caso não fosse obedecida.

A agricultura na Ilha, teve em Miranda Ribeiro que governou a Província, de 8-7-1793 a 19-1-1800, um defensor e incentivador, recebendo por isso certa vez uma reprimenda do Vice-Rei, quando reclamando medidas no interesse da Província, recebia do mesmo a resposta; que a sua nomeação era "para governar e não inovar coisas". (27).

Foi no seu governo e por sua iniciativa que se extinguiu o degredo de criminosos e vagabundos para o Desterro, nome por que era conhecida a Vila Capital. Seu interesse pela agricultura era grande. Pelo Governo da Corte em 1779, foram-lhes enviados livros versando sobre agricultura, para vendê-los aos interessados. Tratavam eles da cultura da Urumbeva (necessária para a criação da Cochonilha), do linho que também procurava introduzir na Ilha, do cânhamo, do tabaco, das batatas, e do algodão, bem como sobre o fabrico de queijos, de açúcar e do preparo de colas. Seu trabalho de colocação dos livros foi bem sucedido, pois vendera toda a remessa fazendo seguir o produto da venda para o Rio de Janeiro. (28)

A principal cultura era a de mandioca e que dela faziam farinha, principal alimento da população e mesmo dos navegadores da época.

Em 1549, Juan Fernandes procurou incrementar o cultivo da mesma, a fim de abastecer sua gente no Rio da Prata.

Em 1675, Francisco Dias Velho, paulista de nascimento estabeleceu-se na Ilha, para onde trouxera agregados escravos e índios e aí lavrando a terra. (29)

Paulo de Brito referindo-se à agricultura diz que: "o aumento da produção desde a sua colonização, deve-se mais à natureza bem pouco à arte e nada à administração". (30)

---

(27) — Cabral, O.R. — História de Santa Catarina — pag. 82

(28) — Id. *ibid*, pag. 174

(29) — id. *ibid*, pag. 37

(30) — Brito, Paulo José, pag. 59

E falando do cultivo: "as primeiras sementeiras são feitas nas cinzas das **matas-queimadas**, produzindo muito, porém as próximas pouco". (31)

Só era empregada a enxada e que não se fazia uso do arado, e nós acrescentamos: — até hoje mais de 80% da terra ilhoa continua virgem do arado.

Diz ele também que não preparavam bem o açúcar por ser pouco batido e mal barreado, razão porque umedece facilmente. (32)

Sobre o fabrico de açúcar no Brasil Colonial encontra-se uma descrição bastante interessante no trabalho escrito em 1711 por Antonil — "Cultura e Opulência do Brasil Por Suas Drogas e Minas."

O algodão, com métodos de cultivo atrasado era bem grande. O Gravatá nativo era abundante, e "por fermentação e maceração extraem boa fibra, fazendo cordas para embarcações, redes, tecidos para velame e sacaria". (33)

O gravatá de que nos fala é o gravatá de lança, também chamado de banana de pedra — uma Bromeliaceae, a **Bromelia antiacantha** Bertol., ainda hoje usada na Ilha para confecção de cordas. As chamadas "betas" de imbé que aqui se usavam eram cordas feitas com fibras de raízes aéreas de uma Araceae, o **Philodendron selloum** C, Koch.

## INVASÃO DA ILHA EM 1777

Espanhóis saem de Cadiz a 13 de novembro de 1776, com uma esquadra formada de Divisões e composta das naus: Poderoso, Monarcha, S. José, S. Damázio, Septentrião e América, as quatro primeiras eram armadas com 70 canhões cada; das fragatas Chaveque 30 canhões, Santa Margarida, Santa Clara, Lebre e Vênus com 26 canhões cada, e Santa Rosa com 20, corvetas e outras embarcações menores Júpiter e Marte com 16 peças, Garuizo com 14, Jopp com 10, Santa Casilda, Santa Eulália, Sant'Anna com 8 e mais 96 transportes, e 9.383 praças de desembarque.

---

(31) — id, *ibid*, pag. 59

(32) — Brito, Paulo José de — pag. 59

(33) — id *ibid* — pag. 62

A 20 de fevereiro de 1777, a esquadra fundeava na enseada de Canasvieiras, junto à Ponta Grossa. Na noite de 23 para 24 efetua-se o desembarque.

Guarneciam a Ilha cerca de 2700 combatentes.

“Achavão — se **os armazens e depositos bem providos de viveres** e munições de guerra e a Thezouraria em estado de animar **um rigorosa defesa**”. (34)

No entanto a Ilha foi tomada sem sequer o disparo de um tiro.

A 30 de julho de 1778 os Espanhóis deixam a Ilha, entregue que foi por Guilherme Wanghan a Francisco Antônio da Veiga Cabral da Camara.

---

(34) — Almeida Coeiro — Memória, pag. 30

## PRINCIPAIS CULTURAS

### MANDIOCA

Essa Euphorbiaceae, **Manihot esculenta** Crantz, muito antes do descobrimento do Brasil já era cultivada pelos nossos silvícolas que dela preparavam uma farinha. Em 1526, Caboto se abastece aqui de farinha de mandioca, milho, etc. (35).

Em 1714 Manoel Gonçalves de Aguiar respondendo a questionário diz: "Da todos os frutos do Brasil, e também os da Europa, como o trigo, — (**Triticum sativum** Lamk), uvas (**Vitis vinifera** L.), e figos (**Ficus microcarpa** L.).

O de que por ora se sustentam é de mandioca (**Manihot esculenta** Crantz) em farinha, milho (**Zea mays** L.), feijão (**Phaseolus vulgaris** L.), fumo (?) (**Nicotiana tabacum** L.) e peixe" (36). O Corsário George Shelvocke em 1719 aqui se abasteceu de 150 alqueires de farinha de mandioca (**Manihot esculenta** Crantz), 160 alqueires de favas, deve ter sido de feijão (**Phaseolus vulgaris** L.) e de fumo (**Nicotiana Tabacum** L.). Nota: o alqueire corresponde a 13 litros e 8 decilitros (Fontes 30).

A cultura da mandioca progredia e em 1752 os açorianos já podiam pagar parte da farinha que lhes fora emprestada quando da sua chegada a Ilha.

Escudeiro em carta ao Rei, informava que: "Já no presente ano se não careceu de que viesse farinha de fora, mantendo-se estes povos com o que colheram de suas roças e de todos os fructos americanos será abundante esta terra: porém nunca dos da Europa pelos devorar a Formiga" (37).

---

(35) — Cabral, O. R. — História de S. C. pag. 22

(36) — Taunay — S. C. Colonial — pag. 73.

(37) — Borges Fortes — Cacaes, pag. 65.

Esse pagamento refere-se ao empréstimo feito pelo Governador Manoel Escudeiro Ferreira de Souza que substituiu em 1749 ao Brigadeiro José da Silva Paes no Governo da Capitania.

Escudeiro mandara comprar farinha, por conta da Fazenda Real, em São Francisco, Paranaguá e Cananéia, prevendo o sustento dos próximos açorianos que deveriam chegar no segundo transporte (38).

A produção aumentou a tal ponto que a Capitania do Rio Grande aqui se abastecia (39).

Sobre os engenhos de mandioca (fabrico da farinha), sabemos que em 1797 existiam na Ilha 350 deles. Sendo que 87 estavam localizados em Vila Capital de Na. Sra. do Destêrro, 51 em Ribeirão, 101 na Lagoa e 111 na Freguesia das Necessidades, hoje Canasvieiras, segundo dados contidos no relatório do Governador Miranda Ribeiro (40).

Em 1804 a produção de farinha de mandioca atingia a cifra de 196.389 alqueires, conforme ainda o mesmo relatório (41).

## LINHO

Uma das lavouras de que os portugueses bastante se interessavam era a do linho e a qual procuraram incentivar na Ilha.

Em 1749 o Governador Coronel Manoel Escudeiro Ferreira de Souza, recebeu do Capitão-General do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, algumas sementes de linho cânhamo para ser cultivado (42).

Em carta de 9 de janeiro de 1750, o Governador Cel. Manoel Escudeiro Ferreira de Souza, informava que "fizera semear o linho cânhamo, **pinheiros** e trigo" (43).

Citando cartas do arquivo da Pref. Mun. de Florianópolis.

---

(38) — L. Boiteux — P. H. Cat. pag. 59

(39) — Cabral, O. R. — Os Açorianos, pag. 41

(40) — Laytano — pag. 149

(41) — id, *ibid*, pag. 120

(42) — Almeida Coelho — Memória, pag. 54

(43) — Cabral, O. R. — Os Açorianos, pag. 40

O linho interessava para confecção de cordoarias, quanto ao plantio de pinheiros cremos que **Pinus Pinaster** interessava mais a obtenção de breu, alcatrão e resinas de que necessitavam para o apresto de suas embarcações. É bem provável que não fossem, ainda conhecidas as reservas de pinheiros (**Araucaria angustifolia**) da zona do planalto.

Em 3 de dezembro do mesmo ano Escudeiro recebia resposta do Secretário de Estado; "continue nessa diligência, como também na das sementeiras de linho-canhamo, de que farei diligência por remeter no 2º comboio a semente, sem embargo da pouca produção que Vmecê tem experimentado, ainda que Vmecê o atribua a grande seca que tem havido". Em ofício de 8 de abril de 1752 (Arquivo do Palácio do Governo), Diogo de Mendonça Côrte Real, animava o Governador Escudeiro a incrementar as culturas do trigo e do linho, bem assim as da mandioca e do pinheiro, pois delas esperava obter melhores resultados (44).

Em 1780 foram enviadas amostras de linho para o Rio e o resultado do exame foi: brancura deixava a desejar, porém a rigidez e a forra eram boas. Três anos após, o Padre Francisco Rodrigues Xavier Prates, Iagunense, passa pela Ilha, recomendado pelo Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos ao Governador Brig. Francisco de Barros Moraes Araújo Teixeira Omem, como bastante conhecedor da cultura do linho-cânhamo.

Em 1785, novas amostras são enviadas pelo Vice-Rei a Secretaria de Estado, examinadas pela Real Cordoaria de Lisboa, constatou-se ter a mesma rigidez e força que tem o linho cânhamo de Riga.

De que a fibra era de fato excelente, temos a confirmação no relato do Sr. Southey, um inglês, quando diz que "o linho aqui cultivado é de muito boa qualidade, e dele os pescadores fazem suas linhas, redes e cordoalha" (The modern Traveller, pag. 276). Interessa-se a Rainha de Portugal Dona Maria I, pela cultura do linho e recomenda o plantio de uma nova variedade — o linho donzela, para cá são remetidas três sacas de sementes dessa nova qualidade reputada de finíssima (45).

Com o plantio do linho donzela é descurado o do linho cânhamo. O Ministério das Sementes prometia pagar o linho-cânhamo depois de preparado a 3\$200 a arroba.

---

(44) — Id, *ibid*, pag. 41

(45) — Id, *ibid*, pag. 45

Porém valendo a arroba dos linhos galego e donzela . . . . . 4\$960, os lavradores somente cuidavam destes, chegando a inutilizar antes de as plantarem, as sementes do linho-cânhamo, fervendo-as. Com isso diziam que as terras não eram próprias para o mesmo (46).

Um dos povoadores que mais se interessou pelo cultivo do linho, foi o Sargento-Mor Tomaz Francisco da Costa, que chegou a Ilha em 1748.

Em carta de 8 de maio de 1786, o Vice-Rei Luiz de Vasconcelos e Souza, mandava ao Governador da Província José Pereira Pinto, elogiar o dito Sargento-Mor pelo zelo e interesse demonstrados no aumento da cultura do linho-cânhamo e donzela (47).

Produção em 1796, relatório Miranda Ribeiro (Laytano)

Vila Capital e Ribeirão	— 528 pedras	— linho ordinário
Lagoa	— 834	“ — “ “
Necessidades	— 601 1/2	“ — “ “

## ANIL

Outra cultura tentada na Ilha foi a do anil (*Indigofera suffruticosa* sin. l. anilL.). Miranda Ribeiro em relatório de 1797: “A afluência das Embarcações a apulência dos lavradores sem que eles deixassem a cultura da referida farinha como um genero de 1ª necessidade neste Paiz, os iria gradualmente conduzindo as outras plantações. taes como o café, o anil que aqui se produzem excelentemente o algodão e a cana de assucar dos quais pudessem tirar maiores proveitos” (Laytano 161), citando relatório Miranda Ribeiro.

Em 1799 remete-se para o Rio algumas amostras de anil. O cultivo do anileiro decai, transformando-se somente em cultivo caseiro, para atender aos reclamos familiares (48).

Faz-se pouco uso do anil e por meio de fervura extraíam-lhe a cor para com ela tingirem seus tecidos (49).

(47) — Fontes, H. da Silva, A Irmandade do Senhor dos Passos, pa. 345

(48) — Cabral, O. R. — Os açorianos, pág. 65

(49) — Brito, Paulo de — Memórias — pág. 62

(46) — Brito, Paulo José de — pag. 63

O Barão de Langsdorff em 1803 informa que um adiantado catarinense pretendia instalar uma fábrica de anil, para isso fizera grande plantação de *Indigofera suffruticosa* L., tantas foram as dificuldades criadas pelas autoridades coloniais, que o intento malogrou (50).

Falando a respeito do anil, Almeida Coelho nos diz que era: "Cultivado com grande vantagem pelos anos de 1786, governando a Província o Major José Pereira Pinto. Não sabemos se a planta nos veio de fora, ou se é indígena do país; o que não sofre dúvida é que a Província chegou a exportar algum anil; mas a sua cultura também caiu no desprezo. Hoje vê-se a planta nascer e crescer espontaneamente por toda a parte. Das suas folhas ainda se servem algumas pessoas pelos sítios, na tintura do algodão em tecidos de riscados que fabricão para uso doméstico" (51).

## TRIGO

Outra cultura de que se fez bastante empenho na Ilha foi a do trigo, *Triticum sativum* Lamk. e da qual se chegou a obter regular resultado.

O início do cultivo desse cereal deve ter se dado em 1750, quando temos notícias das sementeiras mandadas fazer pelo Governador Cel. Manoel Escudeiro Ferreira de Souza. Em 1752 este governador é instado para incrementar seu cultivo. Pelo que parece o trigo não se deu bem na Ilha, pois Escudeiro escrevendo para Lisboa a respeito da cultura do trigo na Ilha, informava: "sem embargo de nascer e filhar muito bem o trigo, com as muitas aguas que de ordinário vêm ao tempo de sazonar-se, enferruja e rara é a espiga que escapa" (52).

Diz-se que em 1754 o governador descontente com o pouco resultado com o trigo, legou ao abandono a sua cultura.

Diogo Corte Real, para evitar o fracasso da Agricultura, em carta de 20 de julho de 1754, — arquivos da Prefeitura Municipal de Florianópolis —, recomenda ao Governador: "para que assim cultive mais terras com generos mais proporcionados a elas, visto pouco resultado que se tira das sementeiras de trigo" (53).

(50) — Taunay — S. Catarina Colonial — pag. 159

(51) — Almeida Coelho — Memoria, pág. 54

(52) — Borges Fortes — Casaes, pág. 65

(53) — Cabral, O. R. — Os Açorianos, pág. 41

Entretanto continuou o povo a cultivá-lo. Entre os anos 1768 e 69, o Ouvidor D. Duarte Sampaio, empresta dinheiro para a compra de trigo, o qual vendido rendeu a quantia de . . . . 57\$560, quantia que foi dada de esmola à Irmandade dos Passos (54).

Também como esmola à Irmandade dos Passos figura a doação de trigo que rendeu 12\$920 (55), outra doação de trigo à Irmandade dos Passos aparece no exercício de 1771-1772, é a de 25 alqueires doados por João Ferreira Chaves, vendidos por 30\$000 (56). Ainda no livro de receita da Caridade figurava a venda de 4 alqueires de trigo pertencente a caridade, isso a 31-3-1790 (57).

“Dessa época em diante a Ilha entrou novamente em prosperidade, tendo chegado, por volta de 1789, a ter apreciável desenvolvimento agrícola, notadamente o café, o açúcar, o algodão, o **trigo**, o anil, a baunilha, cebola e alho” (58).

O cultivo do trigo perdura até 1816 (59). Em 1804, a produção de trigo na Ilha foi de 3.529 alqueires, e em 1797, Miranda Ribeiro arrola para a Ilha a existência de 67 Atafonas de moer trigo das 279 que haviam em toda a Capitania.

Dessas 67 atafonas, 17 estavam na Vila Capital, 7 no Ribeirão, 32 na Lagoa e 11 na Freguesia das Necessidades (60).

Uma nova tentativa para cultivar o trigo na Ilha, é feita em 1846 ou 1849. Nessa época são remetidas sementes de 3 ou 4 variedades de trigo, pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, sediada no Rio e que procurava incrementar e melhorar a lavoura: “nós o vimos produzir bem, aquele cuja semente chegou sã: consta-nos que o mesmo sucedera em toda a Província” (61).

---

(54) — Fontes, H. da Silva — A Irmandade de Senhor dos Passos, pág. 107

(55) — Id *ibid* pág. 110

(56) — Id *ibid* pág. 116

(57) — Id. *ibid* pág. 289

(58) — Crispim Mira — Terra Catarinense

(59) — Cabral, O. R. — Os Açorianos, pág. 73

(60) — Laytano — pág. 149

(61) — Almeida Coelho — Memória, pág. 55

## URUMBEVA

De grande interesse para a Metrópole era a criação da cochonilha (*Coccus cacti* L.) e, para tanto, era necessária a plantação da Urumbeva (*Opuntia cinellifera* Miller), cactaceae onde se criavam as cochonilhas. A urumbeva aclimatou-se bem na Ilha e na parte sul do continente, porém a criação da cochonilha decaiu completamente. — Paulo de Brito a dá como totalmente abandonada em 1816.

Em dezembro de 1778, foi pelo Vice-Rei, enviado à Ilha, Francisco dos Santos Xavier, com a incumbência de ensinar a criação e a apanha da cochonilha, no entanto não há notícias de que o mesmo tenha exercido essa atividade na antiga Desterro. Em carta de 3 de julho de 1778, o Marquês de Lavradio, recomendava ao Governador Veiga Cabral a exploração da cochonilha, dizendo haver recebido resposta sobre as amostras que enviara para a Inglaterra; a cochonilha era a mesma de que os espanhóis negociavam, porém tinha cor menos viva e eram de menor porte, a isso atribuía-se a falta de trato.

Ficava o Governador Veiga Cabral autorizado por Lavradio a contratar alguns dos castelhanos invasores que ficaram na Ilha e que tivessem conhecimento da criação da cochonilha, devendo pagar-lhe bom ordenado para que ensinassem o modo de criar o inseto (1).

Insistia-se na criação da cochonilha, em 1780 a exploração pouco progredira. Em ofício, datado de 15 de setembro de 1781, o Governador, Brigadeiro Francisco de Barros Moraes Araújo Teixeira Omem, dirigia-se ao 13º Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos, pedindo para dar baixa a agricultores "e seria bom impor-lhes a condição, de serem bons cultivadores da Cochonilha, cujo adiantamento me é cada dia mais recomendado" (2).

Grande era o interesse da Metrópole no assunto, pois Teixeira Omem em 1784, e a pedido do próprio Vice-Rei, envia 6 soldados e 1 furriel ao Rio para aprenderem a cuidar da Cochonilha.

De volta, ainda no mesmo ano, já os enviados davam início ao seu trabalho na Ilha. No ano seguinte, 1785, foram enviadas à Corte 2 libras e quatro onças de cochonilha que foram vendidas a 2\$560 a libra.

---

(1) — Cabral, O. R. — Os Açorianos, pág. 61

(2) — id ibid — pág. 59

Para o Rio, em 1788 foram remetidas 2 partidas: a primeira pesando 28 libras, 13 onças e 6 oitavas, que renderam a importância de 73\$880; e a segunda já bem maior 2 arrobas, 4 libras e 6 onças ao preço de 175\$000.

Em 1789, três remessas foram efetuadas, a primeira em junho, de 3 arrobas, 4 libras e 2 onças, valendo 256\$320; a segunda em agosto também com 3 arrobas, 31 libras e 10 onças por 326\$720; e em dezembro a terceira, desta não há informação de quantidade, somente sabe-se que foi vendida por . . . 196\$320 (3).

Também como as outras culturas impostas aos ilhéus, a da urumbeva, necessária à criação da cochonilha, não teve continuidade, "sendo também pouco animada e favorecida pelo Governo, veio a cair no desprezo e abandono: resta-nos, para atestar a bondade do clima, vermos hoje produzir espontaneamente por toda a parte a orumbéba alimentando a cochonilha, de que ainda algumas pessoas se servem" (4).

## CANA DE AÇÚCAR

O cultivo da cana de açúcar *Saccharum officinarum* L.), também foi bastante intenso na Ilha. Manoel Gonçalves de Aguiar em 1714 em Notícias Práticas da Costa e Povoação do Mar do Norte, respondendo à 21ª Pergunta diz:

"Povoando-se esta Ilha poderão formar nela seus moradores alguns Engenhos de assucar, porque suas **canas**, são tão **pingues** e 'assucaradas, que qualquer pingo delas se faz em assucar" (1).

A produção de açúcar em 1804 foi de 813 quintais, a de aguardente 79.894 medidas e a de melão atingia a 7.272 medidas (2). Existiam na Ilha em 1797 segundo Miranda Ribeiro, 1 engenho de açúcar situado em Ribeirão, 38 fábricas de açúcar e 102 engenhos de aguardente. As fábricas de açúcar distribuíam-se: 12 na Vila Capital de Na. Sra. do Desterro, 11 no Distrito de Ribeirão, 10 na freguesia da Lagoa e 5 na Freguesia das Necessidades.

---

(1) — Taunay — Santa Catarina Colonial, 82

(2) — Laytano

(3) — Cabral, O. R. — Os Açorianos — pág. 61

(4) — Almeida Coelho — pág. 54

Dos engenhos de Aguardente 23 localizavam-se na Vila Capital, 29 no Distrito de Ribeirão, 28 na Lagoa e 22 na freguesia das Necessidades (3).

## ARROZ

Também aqui se cultivou o arroz (*Oriza sativa* L.).

Possivelmente a cultura do arroz na Ilha esteve circunscrita a freguesia de Ribeirão, pois em 1804 existiam no Ribeirão, 2 engenhos de pilar arroz, outros dois estavam localizados na Freguesia de São Miguel, no Continente.

Nesse mesmo ano a produção de arroz na Ilha, foi de 4.133 alqueires (4), e em 1810 atingia 33.287 medidas (5).

## FUMO

Era uma das plantas cultivadas pelos indígenas da América, os marinheiros que vieram com Colombo já constataram o uso do fumo (*Nicotiana tabacum* L.) pelos nativos da América (1), que o utilizavam nos rituais sagrados e nas feitiçarias (2). O padre Manuel da Nóbrega refere-se ao fumo como empregado para facilitar a digestão. Ao fumo os indígenas chamavam de "betum", Gabriel Soares de Souza, petume, e em seu livro "Notícia do Brasil" comentado pelo Prof. Pirajá da Silva, à página 42 descreve os usos que dele faziam os nativos e os portugueses.

Talvez pelas decantadas virtudes do fumo (na época), é que em 1566 Damião de Goes o chama de Herva Santa, denominação que passou a ser usada em Portugal (3).

Cultivado primeiramente na Bahia, em grande escala desde 1600, e bastante reputado na Europa, para onde era expor-

---

(3) — Laytano, pág. 149

(4) — Laytano, pág. 126

(5) — Cabral, O. R. — Os Açorianos, pág. 68

(1) — Hoehne, F. C. — Botânica e Agricultura no Brasil, pág. 29

(2) — Hoehne, F. C. — Botânica e Agricultura no Brasil, pág. 81

(3) — Gabriel Soares de Souza — Notícia do Brasil, pág. 42

tado, e dada a sua procura, também contrabandeado, apesar das pesadas penalidades impostas aos contrabandistas (4).

O fumo foi, na Ilha, cultivado com regular freqüência, e dele temos referências em 1714, por Manoel Gonçalves de Aguiar. Em 1719, o pirata Shelvocke dele se abasteceu aqui na Ilha (5).

O fumo desenvolveu-se ativamente na Ilha sendo também exportado por sua boa qualidade.

“Já foi cultivado com vantagens e que algum tabaco a Província exportou para os Açores e Rio Grande do Sul, de reconhecida superior qualidade” (6).

Esta cultura também não progrediu, preferiam antes importá-lo “que aproveitar as crescidas e viçosas folhas de uma planta que nasce espontaneamente por quase todo o país” (7).

As freguesias em que se plantou o fumo foram as de Vila Capital e Ribeirão sendo a produção de ambas de 125 arrobas, no ano de 1796, a de Lagoa durante o mesmo ano foi de 84 arrobas — (Relatório M. Ribeiro).

## CEBOLAS

A cultura da cebola, **Allium cepa** L., era praticada nas freguesias da Vila Capital, Ribeirão e Lagoa e delas foram produzidas 400 résteas em 1796, conforme relatório do Governador Miranda Ribeiro, citado por Laytano. Era artigo de exportação bem como a farinha de mandioca, o arroz, o feijão, o milho e o amendoim (1).

## CEVADA

Em 1796, a cultura da cevada, **Hordeum vulgare** L., era feita nas freguesias da Vila Capital do Destêrro e Ribeirão, Lagoa e Necessidades (hoje Canasvieiras) produzindo a Vila Capital e a

---

(5) — Taunay. A. de E. — Santa Catarina Colonial, pág. 74

(6) — Almeida Coelho — Memória, pág. 54

(4) — Antonil — Cultura e Opulência do Brasil, pág. 59

(1) — Cabral, O. R. — Os Açorianos, pág. 85

freguesia de Ribeirão 12 alqueires e 3/4 Lagoa 7 1/4 e Necessidades 10 alqueires (Relatório Miranda Ribeiro).

Um alqueire de cevada colhido em terras do nosso Hospital de Caridade, rendeu a importância de 1\$280 réis (2).

### MILHO

A produção de milho, *Zea mays* L., na Ilha de Santa Catarina, no ano de 1796, foi de 6.166 alqueires e 3/4, sendo que a freguesia de maior produção foi a de Lagoa, com 2.618 alqueires e 1/4, seguindo-se a das Necessidades com 1.882 alqueires e 3/4 e finalmente as menos produtivas foram as da Vila Capital e Ribeirão que juntas deram 1.665 e meio alqueires (Relatório Miranda Ribeiro).

### AÇAFRÃO

Da existência da cultura dessa Iridaceae, *Crocus sativus* L., temos notícia através do relato de Dom Antônio José Pernetty, que aqui esteve em novembro de 1763, na companhia de Bougainville.

Pernetty tomou parte em um banquete que o Governador de Santa Catarina, Cardoso de Menezes e Souza ofereceu a Bougainville.

Falando do banquete; diz que "foram servidos muitos pratos de resistência e de sobremesa, achando de mau paladar a **flor do Açafração**, empregado como tempero (1).

### PIMENTA DO REINO

Renato Primeverre Lesson, médico e diretor do Jardim Botânico de Rochefort, vindo na expedição francesa de DuRoi e Dumont D'Urville (novembro 1822), nos informa em seus escritos que a pimenta (*Piper Nigrum* L.), era cultivada na Ilha de

---

(2) — Fontes, H. da Silva — A Irmandade do Senhor dos Passos, pág. 292

(1) — Taunay — Em Santa Catarina nos Anos Primevos, pág. 49

Santa Catarina é a primeira citação de que se plantava a pimenta do reino na antiga Desterro.

Outra citação da existência de pimenta em Desterro é de Dom Pernetty, na descrição da flora, ele entre outras plantas arrola: "uma pimenta danada, pequena mas que valia pelas maiores das Antilhas" (2).

## FEIJÃO

O feijão, **Phaseolus vulgaris**, cultivado primitivamente pelos indígenas, assim como o milho, desenvolveu-se bastante e segundo relatórios do Governador Miranda Ribeiro, a produção em 1796 atingia 3.900 alqueires e 3/4.

Em 1719, o pirata George Schelvocke, leva da Ilha, 160 alqueires (3), pagando 1 dollár ou trocando por outro alqueire de sal.

## ALGODÃO

D. José de Mello Manuel que governou a Província, de 25 de outubro de 1753, a 7 de março de 1762, em 1º de abril de 1754 publica edital obrigando a todos os moradores que possuísem 100 braças de terra lavrada e cultivada, a plantarem 100 árvores de algodão (**Gossypium** sp. L.), ficando sujeitos a exame de seis em seis meses, sob pena de perderem as terras.

Houve reclamos do povo — "devemos primeiramente dizer que um paiz como este que produz linho tres vezes no ano com abundância, e onde os sitios são de curta extensão, pois que os mais dêles tem apenas 50 a 100 braças de terras... nesta Ilha que o algodão corre a 20 reis a libra... é consternar os colonos, obrigando-os a plantar". Assim se dirigia a Camara de Desterro em carta ao Ouvidor da Comarca Manoel José de Faria, informando ao Governo Português sobre o edital do Governador D. José de Mello Manoel. (1)

---

(2) — Taunay — Em Santa Catarina nos Anos Primevos, pág. 60

(3) — Taunay — Em Santa Catarina nos Anos Primevos, pág. 31 —

(1) — Almeida Coelho — Memória pág. 53

D. José de Mello comunica ao Governo da Corte a providência tomada e naturalmente as reclamações havidas, e recebe em resposta pelo Conselho Ultramarino, datado de 10 de Novembro, que pela primeira falta pagasse o lavrador 1\$000 réis por árvore, pela segunda 2\$000 e pela terceira faltante o perdimento das terras. A. Coelho 62

As sementes de algodão (sabemos ser o *Gossypium herbaceum* L.), pois A. Coelho em seu livro diz "algodão chamado herbaceo", foram fornecidas pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. "No princípio produziu bem porém no segundo e terceiro ano começou a degenerar". (2)

Apesar de ter sido uma cultura imposta a força, talvez graças as penalidades a que estariam sujeitos os colonos faltosos, ela prosperou, chegando-se mesmo a exportá-lo, já então tecido: surgia a indústria manufatureira na Ilha.

"Principiarão a aparecer os tecidos de algodão e linho, dos quaes, a bem dizer se servirão todas as familias, e não pequena foi logo a exportação, principalmente para o Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, e de que hoje apenas há vestígios por algum carcomido têar que ainda se houve bater descompassadamente n'uma ou n'outra choupana dos sítios; no entretanto que o luxo dos panos estrangeiros de mistura com a necessidade e pobreza habitão esses lugares d'antiga simplicidade, da industria e da abundância" (3)

Em 1796 a produção do algodão na Ilha, segundo o relatório do Governador Miranda Ribeiro, foi de 1.636 1/2 arrobas. A freguesia de maior produção foi a de Na. Sra. das Necessidades com 726 1/2 arrobas seguindo-se as da Vila Capital e Ribeirão totalizando 469 1/2 arrobas e a de Lagoa com 440 1/2.

## CAFÉ

A cultura do café (*Coffea arabica* L.), na Ilha foi incrementada pelo Sargento-Mor da Artilharia, José Pereira Pinto, que governou a Província de 1791 a 1793. Do Rio de Janeiro, man-

---

(2) — Almeida Coelho — Memória pág. 56

(3) — Almeida Coelho — Memória pág. 21

dou vir mudas de café, e como estímulo para que se cultivasse o mesmo, pagava 640 réis, a libra do produto. (1)

A cultura do café foi bem sucedida na Ilha, "o clima favorece-a de tal maneira que mesmo sem o mais pequeno auxílio, ela produz com abundancia, e como para desafiar a ambição do lavrador: e pretendem alguns estrangeiros que o café de Santa Catarina passe pelo melhor nos Estados Unidos D'America do Norte". (2)

O café era cultivado principalmente na Vila Capital e nas freguesias de Ribeirão, Lagoa e Necessidades.

Em 1796 a produção de café na Ilha, segundo relatório do Governador Miranda Ribeiro, foi de 61 1/2 arrobas, sendo que a produção das duas primeiras foi de 36 arrobas, seguindo-se a de Lagoa com 20 arrobas e a das Necessidades com 5 1/2.

## BAUNILHA

Almeida Coelho refere-se à baunilha, dizendo: "que ela nasce espontâneamente em toda a Província, mas a sua cultura é ainda desprezada, ou ignorada; de sorte que, nem um uso, nem mesmo atenção merece uma planta que cultivada, e bem pensada traria ao país a fortuna de muitos habitantes (1)

A cultura dessa orquidácea, não foi tentada aqui na Ilha.

Do gênero *Vanila*, ocorrem três espécies: a *V. dietschiana*, que no Sul, existe somente na Ilha de Santa Catarina; a *V. Chamissonis* e a *V. edwalii*.

A baunilha do comércio é obtida da *Vanila planifolia* (*Vanilla fragans*) originaria do México, e da *V. Tahitenses* (baunilha de Tahiti).

Outras culturas foram tentadas. A do chá, *Camellia sinensis* (*Thea sinensis* L.) uma *Theaceae*, introduzida em 1837, pelo Governador Tenente Coronel José Joaquim Machado de Oliveira, que também se interessou pelo plantio da amoreira, (*Morus nigra* e *M. alba*), necessária para alimentação do bicho da seda, (*Bombix Mori*), de que se aclimataram bem, temos o

---

(1) — Almeida Coelho — Memória, pág. 66

(2) — Almeida Coelho — Memória, pág. 66

(1) — A. Coelho — Memória, pág. 55

testemunho de Almeida Coelho: "nós vimos na fazenda de Luiz Gonzaga Meyer a **planta do chá** crescida e bem viçosa, e alguns fios de seda mui delicados, ali e em varias partes, a amoreira crescer e produzir sem outro auxílio mais que a bondade da terra e do clima". (2)

### Observações de navegadores sobre a Agricultura na Ilha

Luiz XVI, Rei de França, em 1785 organiza uma expedição de descobrimento para o Pacífico, constando de dois navios, o ASTROLABE e BUSSOLE.

Para comandá-la é indicado o CONDE DE LA PEROUSE, Jean François de Galaup, parente de La Jonquiere que aqui já estivera em 1719, comandando o barco RUBY. Um dos oficiais, TOWIN, mantinha a bordo de uma das embarcações em caixas especiais, feitas em Paris, uma pequena fruticultura.

Assim ele plantou laranjas, cidreiras e limeiras de Santa Catarina.

Towin, coletou mais, sementes de algodão — **Gossypium herbaceum** L., milho **Zea mays** L., arroz — **Oryza sativa** L., e de várias hortaliças.

Sobre as hortaliças da Ilha, achou-as superiores as da França, das quais trazia a bordo apreciável quantidade (1).

O Beneditino Don Antônio José Pernetty que acompanhou o navegador Louis Antoine de Bougainville em sua viagem a Ilha de Santa Catarina em 1763, referindo-se à flora diz:

"Era bem variada, havia arbustos odoríferos. palmeiras de caule fino e longo (**Euterpe edullis** L.), aloes espinhosos (possivelmente seria o **Alce spicata** L. ou **Philodendron Martianum** Engl., uma Araceae conhecida popularmente como Babosa do mato) ananazes cheirosos (**Ananas commosus** (L.) Mers.), romãs (**Punica granatum** L.), maracujá (**Passiflora edulis** Sim), limões (**Citrus aurantium** L. var. *sinensis*), batatas doces (**Ipomea batatas**

---

(2) — A. Coelho — Memória, pág. 56

(1) — Taunay — Santa Catarina nos Anos Primevos — pág. 79

Lam.), inhames (**Calocasia antiquorum** Shott), bananeiras (**Musa paradisiaca** L.), algodoeiro (**Gossypium** sp), pita (**Fourcroya gigantes** Vent), goiaba (**Psidium guayava** L.), etc. (2).

Por Luiz XVIII, rei da França, nova expedição científica para a exploração dos mares do Sul é organizada, estando seu comando entregue a DUPERREY e DUMONT D'URVILLE.

A expedição parte na fragata La COQUILLE, chegando a Ilha de Santa Catarina 38 dias após a proclamação da Independência do Brasil, ou seja, no dia 16 de outubro de 1822. Como membro da expedição vinha Renato Primeverre Lesson, médico e Diretor do Jardim Botânico de Rochefort e representando o Museu de Paris.

Em seu relato Lesson falando da agricultura da Ilha diz, que plantavam mandioca — **Manihot esculenta** Crantz, feijão (**Phaseolus vulgaris** L.), milho (**Zea mays** L.), arroz (**Oryza sativa** L.), batata doce (**Ipomoea batatas** Lam.), pimenta do reino **Piper nigrum** L.) aqui citada pela primeira vez como cultura na Ilha, fumo (**Nicotiana tabacum** L.), ricino (**Ricinus communis** L.), e árvores frutíferas européias como: pessegueiro (**Prunus persica**) Stoques, avelaneiras (**Corylus avellana** L.), figueiras (**Ficus carica** L.), parreiras (**Vitis vinifera** L.), etc.

Lesson, diz haver lido em livro de John Mawe, que havia em Santa Catarina um **líquem vermelho**, produtor de um **corante purpura** de grande valor (3). Porém o que lemos de John Mawe citado no trabalho **The Modern Traveller, a Popular Description, Geographical, Historical, of the Various Countries of the Globe. Brazil and Buenos Ayres. Vol. 1**, publicado em 1825 é: "Ao longo da praia desta baía, (Ganchos — parte do continente) eu encontrei a **concha da espécie Murex**, que produz aquela linda tintura carmesim, tão valorizada pelos antigos. Ela é chamada aqui de **Púrpura**, e para minha grande surpresa seu uso é até certo ponto conhecido pelos nativos" — Mawe acrescenta que viu tecido de algodão tingido pelos nativos, com material obtido de tal concha, acrescentando ainda a maneira como os nativos a obtiam. (pág. 273).

---

(2) — Taunay — Santa Catarina nos Anos Primevos — pág. 59

(3) — Taunay — Santa Catarina nos Anos Primevos — pág. 114

## SOLO E CLIMA

O Sargento-Mor, Manoel Gonçalves de Aguiar incumbido pelo Governador do Rio de Janeiro, Francisco de Castro Morais, em 1710, de verificar se havia possibilidade de criação de uma cidade na Enseada das Garoupas, hoje Porto Belo, assim se refere em relatório sobre o clima e o solo da Ilha de Santa Catarina:

"e achei, pelo que vi, della serem as melhores terras de toda a América do Brasil, por nella se darem todos os generos de frutas, assim deste como de Portugal, e, poder acomodar muitos mil moradores, assim na dita ilha como na terra firme que fica distante um tiro de mosquete e aonde chamam villa" (1). Ainda segundo Aguiar, que aqui chegara a 7 de abril de 1711, existiam na Ilha 20 moradores agrupados em torno de uma ermida.

Por muito tempo foi a Ilha de Santa Catarina local de desterro. O decreto de 30 de junho de 1794, comutava para a Ilha o degredo do Maranhão e Pará (2).

Finalmente esse decreto foi alterado por outro datado de 20 de novembro de 1797, proibindo a vinda de degredados para a Ilha de Santa Catarina, porque o clima era **benéfico e temperado**. Ordenava-se então que os degredados fossem encaminhados para outras Capitânicas de clima menos favoráveis e que tinham necessidades de serem povoadas.

Para tanto deveriam os condenados serem encaminhados para as Capitânicas de Mato Grosso, Rio Branco, Rio Negro e Rio Madeira (3).

George Shelvocke, Capitão corsário que aqui esteve em 1719, diz: "Vi este povo gozando as benções de um **solo fértil** e de **ares salubérrimos**. E na abundância de tudo exceto de panos" (4).

Sobre o clima escrevia Paulo José de Brito em 1816: "É mui benigno o clima desta Capitania, o ar aí, é puro e saudável, e em toda ela se sentem distintamente as quatro estações do ano; todas suportáveis pelo equilíbrio da economia-animal (5).

---

(1) — Táunay — Santa Catarina Colonial, pag. 35

(2) — Fontes, H. da Silva — A Irmandade do Sr. dos Passos, pag. 368

(3) — Almeida Coelho — pag. 177

(4) — Fontes, H. da Silva — A Irmandade do Sr. dos Passos, pag. 30

(5) — Brito, Paulo José de — pag. 36

**E com referência ao solo:** "Parece que a natureza se esmerou em prodigalizar os seus dons com êste Paiz, e entre eles lhe concedeu um solo de uma fertilidade superior a toda a expressão, em tudo quanto é necessário para subsistência dos homens, e para as comodidades da vida. Nenhuma outra Capitania do Brasil oferece uma produção tão variada tanto de vegetais indígenas, como dos exóticos. Neste fertilíssimo solo se crião, nutrem e produzem excelentemente as plantas cerealinas, leguminosas, tuberosas e filamentosas, bem como as oleosas, colorantes, odoríferas, hortenses e medicinais; e outrossim as árvores frutíferas" (6).

Auguste de Saint'Hilaire em seu livro — "Viagem a Província de Santa Catharina" (1820), assim se expressa: "As suas terras são fertilíssimas, e o seu clima bastante temperado permite aos habitantes a cultura de plantas européias conjuntamente com as dos trópicos" (7),

"A Ilha de S. C., é montanhosa, fértil e muito cultivada; a mandioca, o arroz e o feijão são as suas principais produções (8),

"Desde a minha chegada ao Brasil ainda não tinha visto uma cidade tão aprazível como a cidade do Desterro e seus arredores (9).

"Mais distante, divisam-se morros cujas encostas foram cultivadas" (10).

"Por toda a parte o terreno foi desbravado e se acha cultivado ou coberto de capoeiras" (11).

"O navegador e engenheiro Amadée François Frezier, chegado em 30 de março de 1712 e que aqui permaneceu durante 10 dias, levantando um mapa da Ilha e de sua parte fronteira do continente, diz que a Ilha de Santa Catarina possuía um "Bom Clima" e ares Saluberrimos" (12).

O inglês Luecock, encantado com nossa Ilha, diz que: "Em contemplando as inúmeras vantagens naturais desta Ilha eu não poderia senão ficar impressionado com sua importância, e fui tentado a desejar que ela fosse anexada por tratado, aos domínios da Grã-Bretanha".

(6) — Brito, Paulo José de — pag. 37

(7,8,9,10 e 11) — Saint'Hilaire, Auguste de, Viagem a Província de Santa Catharina, pags. 59,148,151,152,159.

(12) — Taunay — Santa Catarina nos Anos Primevos — pag. 12

Depois de tecer elogios à fertilidade da terra e à bondade do clima, continua o Sr. Luecock: "Se colonizada por Ingleses, a Ilha poderia ser um perfeito paraíso", concluindo que "é notável que Santa Catarina, até o presente, tenha sido mais negligenciada pelo Governo, do que qualquer outra parte do litoral marítimo do Brasil, enquanto ela tem sido sempre um local comum da ocorrência de estrangeiros de todas as nações" (13).

Paulo de Brito, em sua Memória Política publicada em 1820.

"Se a Ilha de Santa Catarina se tivesse dado a atenção política que merece, e se tivesse aproveitado devidamente as vantagens que ela oferece, combinando o útil com o agradável, sem dúvida seria ela hoje o PARAÍSO DO BRASIL" (14).

---

(13) — The Modern Traveler — pag. 270

(14) — Brito, Paulo José Miguel — Memória Política pag. 40

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida Coelho, Manoel Joaquim de — Memória Histórica da Província de Santa Catarina — Tip. Desterrense — 1856.
- Antonil, André João — Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas Cons. Nac. de Geografia — 1963.
- Brito, Paulo José Miguel de — Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina — 1824.
- Boiteux, Lucas A. — Pequena História Catarinense.
- Cabral, Oswaldo R. — História de Santa Catarina — U.F.S.C. — Imprensa Universitária — 1968.
- Cabral, Oswaldo R. — Os Açorianos — Impr. Oficial — Florianópolis, 1950.
- Fontes, H. da Silva — A Irmandade do Senhor dos Passos, e aqueles que o fundaram, Edição do autor — 1965.
- Fortes, Borges — Cascaes — 1932.
- Hoehne, F. C. — Botânica e Agricultura no Brasil — Comp. Ed. Nacional — S. Paulo — 1937.
- Laytano, Dante — Corografia da Capitania de Santa Catarina — Rev. do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro — Vol. 245 — 1959.
- Medina, José Terebio — El Veneciano Sebastian Caboto, al servicio de España — Tomo 1, Santiago do Chile, Impr. Universitária — MCMVIII.
- Mira, Crispim — Terra Catarinense.
- Outes, Felix F. — El Puesto de Los Patos — Buenos Aires — 1903.
- Piazza, Walter F. — São Miguel e o seu Patrimônio Histórico — S. Miguel, S. C. — 1970.
- Soares de Souza, Gabriel — Notícia do Brasil — Comentada pelo Prof. Pirajá da Silva — 2º tomo — Livr. Martins Editora — S. Paulo.
- Taunay, Affonse de E. — Santa Catarina nos Annos Primeiros — S. Paulo — Tip. Diario Official — 1931.
- Taunay, Affonse de E. — Em Santa Catarina Colonial — São Paulo — Impr. Oficial do Estado — 1936.
- The Modern Traveler A. Popular Description, of the Various Countries of the Globe. Brazil and Buenos Ayres. Vol. 1 — London — 1825.